CONGRESSO DE «GEN» GERAÇÃO NOVA

***HOMILIA DO SANTO PADRE PAULO VI***

*2 de março de 1975*

*JOVENS GEN!*

*Nós vos saudamos!*

*Nós vos acolhemos com o coração aberto!*

*com grande alegria!*

*sede os bem-vindos, em nome de Cristo!*

*como filhos!*

*como irmãos!*

*como amigos!*

Nós estamos agora sobre o túmulo do Apóstolo Pedro:

o Apóstolo escolhido pelo Senhor Jesus como base para construir em cima a sua Igreja, a assembleia única e universal da humanidade nova.

Para *Gen* esta é uma etapa de chegada; é uma etapa de partida! escutai a nossa voz amiga por breves momentos!

Eis: Jovens Gen, membros e representantes de uma geração nova, orientados na direção de uma forma nova para interpretar a vida:

– o que significa esta atitude, este movimento? Oh! vós já sabeis bem!

– Mas façamos juntos um esforço novo para compreender; e digamos: vós estais a caminho de uma busca. Buscar é próprio da juventude. Assim que os olhos da consciência se abrem sobre a cena do mundo circunstante, uma inquietude se desperta no ânimo da juventude: ela quer conhecer, ela quer sobretudo provar; ela quer tentar.

Buscar, o quê? Buscar, buscar!

Esta é uma questão decisiva: buscar, o quê?

Esta é uma escolha fatal, que pode decidir o vosso destino.

Buscar, o quê? Vós, jovens deste tempo, já tendes uma resposta negativa, e quase rebelde no vosso coração: não queremos, vós dizeis, o mundo como ele se apresenta diante de nós! Fenômeno estranho: um mundo, que vos oferece os frutos mais belos, mais aperfeiçoados, mais agradáveis da civilização contemporânea, não vos satisfaz, não vos agrada, mesmo se com indiferente desenvoltura, vós aproveitais das conquistas, das comodidades, das maravilhas, que o progresso moderno põe à vossa disposição. Um sentido, porém, de crítica, de contestação e até mesmo de náusea impede a vossa busca nesta direção. É uma direção que vos leva para fora de vós mesmos, uma alienação, porque no fundo, é uma direção materialista, hedonista, egoísta. Não satisfaz realmente a alma, não resolve realmente os problemas essenciais e pessoais da vida. Sobre esta concepção da nossa existência, concepção hoje frequentemente dominante, filosofia da opinião pública, pesa uma pergunta terrível, como uma espada de Dâmocles: «Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?» (*Matth*. 16, 26). É a pergunta de Cristo, que não anula os bens desta terra tão bela, rica e fecunda, mas classifica o seu valor, um valor inferior ao da verdadeira vida, na direção do qual se dirige a vossa escolha. Qual e onde?

Vós fizestes uma outra escolha. Por isso vos chamais *Gen*, Geração nova. Uma escolha, antes de tudo, libertadora. Libertadora do conformismo passivo, que guia grande parte da juventude do nosso tempo; conformismo à dominação do pensamento dos outros, às correntes de moda da cultura e dos costumes, ao mimetismo de massa. Quantos jovens creem ser livres porque se libertaram dos hábitos e da autoridade da vida familiar, sem perceber cair na cadeia do jugo do arbítrio de um grupo, de uma corrente social, de uma rebelião coletiva! No fundo da vossa psicologia está um ato pessoal e soberano de livre determinação. Isto é a primeira razão da vossa novidade, da vossa força, da vossa alegria. Qual determinação? A escolha de Cristo. Por que pudestes escolher Cristo, como inspirador da vossa existência? Oh! este é o vosso segredo, esta é a vossa história individual, este é certamente o resultado de um encontro, no qual a vossa vontade, o vosso instinto vital se encontrou com Alguém, não só mais forte do que vós, mas com Alguém que, de imediato, se revelou com um fascínio secreto de beleza, de bondade, de proximidade, de colóquio, ao qual era supremamente razoável se render, como a encantamento de irresistível verdade e de incomparável felicidade.

Como foi? como foi? oh! Cada um guarde o seu segredo, e cada um o repense dentro de si, como uma vocação original. Nós agora mencionamos apenas algumas formas típicas desta revelação interior de Cristo, que nos venceu fazendo nós mesmos vencedores. Houve, nós pensamos, quem repensou no Jesus da própria infância, abandonado como qualquer outra coisa apreciada na primeira idade; se acreditava ele esquecido, superado, distante; e por que, num dado momento, a sua presença, como aquela de um companheiro de viagem, foi percebida próxima e falante? «Quem me segue não caminha nas trevas» (*Io*. 8, 12), Ele dizia, justamente quando as trevas cresciam na caminhada da vida. Houve quem manteve na sua memória, ou melhor, na sua cultura, a lembrança pálida de Cristo, como um dos muitos homens célebres da antiguidade e da história; pensava n’Ele como numa estátua, imóvel e petrificada do tempo passado; depois, – come foi? – olhando com alguma atenção aquela estátua-fantasma, viu, com grande assombro e temor, que era viva, e se movia, e vinha na direção dele, e murmurava uma simples palavra fascinante: «Sou eu. Não tenhais medo!» (*Marc*. 6, 50).

E alguém mais, atraído pela dor e pela necessidade humana, se curvou sobre o irmão pobre e sofredor, ou sobre o povo oprimido e humilhado e, ouvindo o seu gemido, entendeu que ele subia das profundidades humanas nas quais Cristo tinha se precipitado, e que a voz tênue d’Ele o interpelava: «Dá-me de beber» (*Io*. 4, 7; 19, 28). Também nesta humana sensibilidade fraterna, – não é verdade? –, uma vocação sobre-humana a ser Geração nova frequentemente se pronunciou. E quantos outros entre vós por via de exemplo, por harmonia arcana entre palavra e vida, por alegria nova, a da caridade, a alegria empolgante na verdade (1 *Cor*. 13, 6), compreendeu o convite, fez a escolha, sentiu, no testemunho do Espírito, a certeza interior da própria vida nova, sobrenatural (*Rom*. 8, 16). É assim que aconteceu o encontro: Jesus Cristo cruzou os vossos passos; e por isso hoje vós estais aqui. Sim, o encontro com Ele, Cristo Jesus. Mas quem é Cristo Jesus? Que pergunta infindável! Nós poderíamos pensar que vós já vos destes resposta. Sim, certamente; se vós sois discípulos, aliás filhos da Igreja, vós sabeis quem é o Senhor, Jesus Cristo. Mas o que sabeis d’Ele? como sabeis? Mas ouvi agora esta nossa palavra, que faz própria aquela de São Paulo: «A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça: anunciar aos pagãos a boa nova da riqueza insondável de Cristo...» (*Eph*. 3, 8).

Pois bem: primeiro, em Si, Cristo é o verbo de Deus feito homem; Cristo, para nós, é o Salvador da humanidade. Dois oceanos: a divindade de Jesus Cristo, e a missão de Jesus Cristo no mundo. Provai resolver em alguma adequada expressão este primeiro essencial aspecto da sua Pessoa divina, vivo na infinita e transcendente natureza do Verbo eterno de Deus, e vivo no homem Jesus, nascido de Maria Virgem por obra do Espírito Santo; e, depois, este segundo aspecto, a sua inserção no nosso cosmo, na nossa história, no nosso destino, na nossa vida, na nossa íntima conversa (Cfr. *Bar*. 3, 38), ... e sentireis explodir a capacidade compreensiva da vossa mente num êxtase de sabedoria, de verdade e de mistério, que provará se alargar, sem se saciar plenamente em todas as dimensões possíveis, para se derramar depois no amor que ultrapassa toda ciência (Cfr. *Eph*. 3, 18-19). A nós parece que vós, Focolarinos, enfrentastes este dúplice problema: Quem é Ele, Cristo? e Quem é Ele, Cristo, para nós? E eis que o fogo da luz, do entusiasmo, da ação, do amor, do dom de si e da alegria se acendeu dentro de vós, e numa interior plenitude nova vós compreendestes tudo, Deus, vós mesmos, a vossa vida, os homens, o nosso tempo, a direção central a imprimir a toda a vossa existência. Sim, esta é a solução, esta é a chave, esta é a fórmula, antiga e eterna, e quando é descoberta, nova. Vós a intuístes e, com razão, destes ao vosso movimento a definição de «Geração nova», *Gen*!

Portanto, caríssima Juventude Gen! Encontrar, conhecer, amar, seguir Cristo Jesus! Este, o vosso programa. Esta, a síntese da vossa espiritualidade, que vós, celebrando o Jubileu do Ano Santo, quereis reafirmar nas vossas consciências e traduzir na vossa vida. Com duas conclusões. A primeira: para condensar num pensamento central e fecundo o segredo do vosso Movimento procurai ter sempre Jesus como Mestre. «Único» disse o próprio Jesus de Si mesmo aos seus discípulos, «um só é o vosso Mestre», Cristo (*Matth*. 23, 8). Tende o carisma de entender esta verdade! É a luz do pensamento e a lâmpada da vida. Jesus Mestre! E depois, a segunda conclusão, que ouvimos igualmente dos lábios do Mestre Jesus: «Vós todos sois irmãos». (*Ibid*.). Tende a sabedoria e a coragem de chegar a esta conclusão, que é a raiz da socialidade cristã. É frequentemente desconcertante observar como muitos, que se dizem seguidores do Evangelho, sejam incapazes de deduzir do próprio Evangelho uma socialidade fundamentada no amor. Temem talvez, armados apenas com o Evangelho, de serem fracos, abstratos, ineptos na grande missão de tornar irmãos os homens; e pensam encontrar princípios e forças suplementares indo procurar a sua eficácia em escolas materialistas e ateias, que extraem da luta de homens contra homens a sua lógica e a sua energia. São estes, sucedâneos contraditórios para educar o mundo moderno para uma socialidade justa e fraterna.

Vós, Geração nova, sede fiéis e coerentes. Se escolhestes Cristo para vosso Mestre, confiai nele e na Igreja, que a vós o conduz e o apresenta. Demonstrai com os fatos a força realizadora da caridade, do amor social, instaurado pelo Mestre. Será uma experiência, sim, nova e geradora de um mundo mais justo e melhor. Será uma experiência forte; exigirá resistência, sacrifício, heroísmo talvez; exigirá que também vós sejais os robustos e solícitos Cireneus, que oferecem os próprios ombros para carregar a Cruz de Jesus. Sim, devereis também sofrer com Ele, como Ele, por Ele! Mas não temais, Gen! tende certeza! tereis atuado a vossa salvação e a do nosso mundo moderno. E sempre, como hoje, sereis bons e felizes!

Fonte: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf\_p-vi\_hom\_19750302.html